



DEPARTAMENTO DE PÓS-GRADUAÇÃO

ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL COM ÊNFASE EM ESPAÇOS EDUCADORES SUSTENTÁVEIS**FLORES DA FRONTEIRA: ESTRATÉGIA DE CONSTRUÇÃO COLETIVA E PRÁTICAS SUSTENTÁVEIS PARA A QUALIDADE DE VIDA****Alana Carla Hauptt Centine Borges¹**
Claudiara Ribeiro²

¹BORGES, C, H, C, A. ²RIBEIRO, C. **Flores da Fronteira: Estratégias de Construção Coletiva e Práticas Sustentáveis Para a Qualidade de Vida.** 2016. N° pág 22. Trabalho de Conclusão de Curso (Educação Ambiental com Ênfase em Espaços Educadores Sustentáveis)- Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2016.

RESUMO

O padrão de sociedade atual entende desenvolvimento como dominação e exploração da natureza. O resultado disso é uma crise de percepção e degradação ambiental. Criar estratégias que contribuam para a construção de uma sociedade sustentável é emergencial. A educação ambiental possui extrema relevância nesse processo. O caminho para essa sociedade está no despertar de seus sujeitos para o sentimento do pertencimento a esta sociedade, de forma a sentirem-se ativos na tomada de decisões. Os coletivos existentes hoje podem ser compreendidos como estratégia nesse processo de construção. A disseminação de espaços públicos de expressão popular, para debates político-sociais e práticas sustentáveis estão ganhando cada vez mais intensidade no sentido de ação contra-hegemônica. Este estudo teve como objetivo compreender as possíveis contribuições do Coletivo Flores da Fronteira, de Foz do Iguaçu- Paraná no processo de transição para um modelo de sociedade sustentável. Para entender sobretudo as estratégias e motivações e contribuir para o aprimoramento do coletivo em questão, foi desenvolvida uma pesquisa participante de base etnográfica. O coletivo hoje vem tomando consciência da relevância de sua existência na tríplice fronteira (Brasil, Paraguai e Argentina), como exemplo de boa prática e demonstração de inconformismo perante o modelo atual de sociedade.

Palavras-chaves: Flores da Fronteira, trabalho coletivo, sociedade sustentável.

FLOWERS OF THE FRONTIER: STRATEGY FOR COLLECTIVE CONSTRUCTION AND SUSTAINABLE PRACTICES FOR THE QUALITY OF LIFE

ABSTRACT

The pattern of current society considers evolution as domination and exploitation of nature. The result is a crisis of perception and environmental degradation. Create strategies that will contribute to the construction of a sustainable society is an emergency. Environmental education has extreme relevance in this process. The path to this society is in the wake of their subjects for the feeling of belonging to this society, so that he can feel active and represented before the decision-making. The collectives in existence today can be understood as a significant strategy in the process of construction. The dissemination of public spaces of popular expression, political debates and sustainable practices are gaining more and more intensity in the direction of action against-hegemonic. The collective Flowers from the Border of Foz do Iguaçu - Paraná present in this study can be understood as an experiment in a period of transition to a model of sustainable society. To understand the strategies and motivations and contribute to the improvement of the collective was used a qualitative research of ethnographic basis. The collective today has become aware of the relevance of their existence in the triple border (Brazil, Paraguay and Argentina) as an example of good practice and demonstration of nonconformity to the current model of society.

Keywords: Flowers from the border, collective work, sustainable society.

1. INTRODUÇÃO

Os problemas ambientais estão entre as questões preocupantes que orientam nosso estar e fazer no mundo (MENDONÇA, 2005).

Os padrões de consumo são insustentáveis e a cultura da obsolescência programada é cada vez mais disseminada, resultando em uma crise de percepção e degradação ambiental grave. Neste sentido, considerando a perspectiva do Fórum Global de ONGs e Movimentos Sociais, ocorrido durante a Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente - Rio 92, são necessárias estratégias coerentes que respeitem todas as formas de vida e que contribuam para a construção de uma sociedade sustentável. Este passou a ser um dos principais desafios dos últimos tempos.

Não existe fórmula pronta para a construção de sociedade sustentável. Tampouco tal construção ocorre de maneira isolada ou verticalmente. Como diz Deboni (2005), sociedades sustentáveis são aquelas que discutem a partir da sua realidade local formas de inter-relacionar as dimensões social, ambiental, econômica, política, cultural

e ética, construindo no dia a dia ações contribuidoras para a melhoria da qualidade de vida daquele local e do planeta como um todo.

É perceptível que a sociedade civil gradativamente vem se fortalecendo em ações contra-hegemônicas (SILVA, 2012). Valorizar iniciativas de organização coletiva é imprescindível para o caminho de uma sociedade sustentável. O Coletivo Flores da Fronteira, de Foz do Iguaçu/ PR, caso do presente estudo, pode ser entendido como uma contribuição nos movimentos que buscam construir transições para um modelo de sociedade sustentável.

Entende-se, partindo de uma proposta inicial sobre o conceito de coletivo, que sua base estrutural é composta por indivíduos pensantes, com características individuais diversas, sujeitas à contínua mudança, tendo relações constituídas num contexto espaço-temporal, mediante ações, objetivos comuns, elementos ideológicos, políticos, sociais e culturais (PRADA, 2006).

Todos os espaços que possuem a responsabilidade de educar são educadores, todavia, os espaços equilibrados pela gestão participativa, estrutura ecoeficiente e por uma intencionalidade educadora, que vise à formação de uma sociedade sustentável, podem ser caracterizados como *espaços educadores sustentáveis* (BORGES, 2011).

Um coletivo pode ser um espaço educador sustentável e, nesse sentido, também um exemplo de contra-hegemonia, quando estruturado pelas características expostas anteriormente, contrárias ao modelo de sociedade insustentável, conhecida atualmente como sociedade de risco.

Em Foz do Iguaçu vários coletivos têm se desenvolvido nos últimos tempos. O coletivo Flores da Fronteira, idealizado por um grupo de artesãs da tríplice fronteira (Brasil, Paraguai, Argentina), considerando a princípio pontos como a gestão participativa e a organização do espaço possui potencial enquanto espaço educador sustentável e contra-hegemônico.

O objetivo norteador desse estudo foi o de compreender as motivações e estratégias que levaram à formação deste coletivo contra-hegemônico. Buscou-se, ainda, investigar a possível contribuição deste coletivo para a construção de um modelo de sociedade mais justa e sustentável.

Em termos de metodologia, este trabalho constituiu-se em pesquisa do tipo qualitativo, de base etnográfica, tendo utilizado enquanto ferramentas para construção dos dados a observação participante e entrevistas semiestruturadas, desenvolvidas em três rodas de conversa, entre os meses de março e junho de 2016. Uma das entrevistas

foi realizada em grupo e foi completamente gravada com total consentimento das participantes do coletivo. O propósito da entrevista era compreender as motivações para a construção do coletivo, a relação das integrantes e como vêem o futuro do coletivo. Toda a entrevista foi manuscrita de maneira a facilitar a etnografia. Os dados foram construídos à luz dos conceitos de: contra-hegemonia, sociedade sustentável, trabalho coletivo, sujeito ecológico, espaço educador sustentável, educação ambiental.

2. EDUCAÇÃO AMBIENTAL E CONTRA-HEGEMONIA

O modelo de produção urbano-industrial inicialmente aparentava trazer uma série de benefícios, mas com o tempo trouxe impactos ambientais e sociais negativos (SANTOS, 2002). Quanto maior a intensidade de consumo, maior a produção, conseqüentemente, maior também a necessidade de matéria prima, ou seja, de recursos naturais. Sendo esta produção voltada principalmente para o lucro, entende-se o motivo da indução ao consumo, resultando no aumento dos impactos socioambientais alarmantes.

Efeito deste modo de produção, as visões reducionistas, fragmentadas, antropocêntricas e competitivas vão se fortalecendo e perde-se a relação direta com o produto. Desta forma, as grandes empresas dominam cada vez mais o cenário econômico e os pequenos produtores, artesãos e pequenos agricultores se percebem cada vez mais fracos nos jogos sociais de tomada de decisões. Como já dizia Santos (2012), a competitividade gerada por esta forma de produção e consumo é fonte de novos totalitarismos.

Todavia, as discussões quanto às conseqüências deste modelo de produção linear vêm ganhando visibilidade. Para melhor compreender a relevância de ações contra-hegemônicas nesse processo, Konder (2002 p.147), coincidindo com a perspectiva de Marilena Chauí, demonstra primeiramente que hegemonia é uma mobilização de forças, um conjunto de ações, a afirmação da supremacia de um grupo social na direção moral e intelectual da sociedade, através da aceitação eficaz por parte da maioria (o consenso). A superação do senso comum e do modo de pensar corporativo, produto das relações sociais da sociedade burguesa, significa, conseqüentemente, redirecionar a práxis política no sentido de propiciar às classes subalternas a libertação das formas de pensar homogêneas pelo pensamento liberal e o fortalecimento de seus projetos e ações na

construção de uma contra-hegemonia (SIMIONATTO, 2009). Logo, os trabalhadores precisam encontrar meios eficazes de auto-organização e autoformação.

Eventos como a Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e Desenvolvimento (CNUMAD), vulgo Rio 92 e sua revisão, 20 anos depois, ou Rio + 20, são exemplos relevantes para a renovação dos governos do mundo quanto ao compromisso com o desenvolvimento sustentável.

Porém, de acordo com a Declaração Final da Cúpula dos Povos, ocorrida em paralelo ao evento governamental (a Rio+20), intitulado “Por Justiça Social e Ambiental em Defesa dos Bens Comuns, Contra a Mercantilização Da Vida”, estes dois eventos intergovernamentais (Rio 92 e Rio +20) repetiram o já então falido roteiro de soluções defendidas pelos mesmos agentes que provocaram e que ainda provocam a crise socioambiental, sobretudo desconsiderando as causas estruturais.

Conforme a Declaração Final da Cúpula dos Povos, as alternativas reais estariam nos projetos com características contra-hegemônicas, como por exemplo, na gestão participativa, economia cooperativa e solidária, novos modelos de distribuição, de consumo e de produção e mudança da matriz energética (2012). Já anteriormente (em 1992), o Fórum Global de ONGs e Movimentos Sociais questionara o enfoque e as decisões da CNUMAD, propondo alternativamente ao desenvolvimento sustentável centrar esforços em construir sociedades sustentáveis.

Dentro deste novo paradigma é necessária uma nova educação, uma educação ambiental que supere os tradicionais problemas da educação, que seja crítica. Essa educação, de acordo com Layrargues (2004), tem como objetivo a promoção de ambientes educativos de mobilização de processos de intervenção sobre a realidade e seus problemas socioambientais, para que as “armadilhas paradigmáticas” sejam superadas.

Para a vertente crítica, a educação ambiental precisa construir um instrumental que promova uma atitude crítica, uma compreensão complexa e a politização da problemática ambiental, a participação dos sujeitos, o que explicita uma ênfase em práticas sociais menos rígidas, centradas na cooperação entre os atores (JACOBI, 2005).

Um dos principais documentos de referência da Educação Ambiental, o Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global, elaborado durante o Fórum Global de ONGs e Movimentos Sociais, compactua com esta mesma ideia e acredita ainda que a educação ambiental deva ser voltada para a

sustentabilidade, ser um processo de aprendizagem permanente e baseado no respeito a todas as formas de vida.

O Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global é extremamente relevante, devido a sua capacidade de orientar propostas rumo a sociedades sustentáveis. No contexto brasileiro, contribuiu também para a elaboração da Lei 9.795/99, que institui a EA no Brasil.

São notórias as conquistas promovidas pela EA nas últimas décadas, mas, para que essa evolução se amplie, é necessária a difusão de espaços formativos propiciadores de discussões e ações voltadas à sustentabilidade. Logo, é preciso existir cada vez mais espaços simultaneamente educadores e sustentáveis.

Compreende-se por espaço educador sustentável um espaço onde as pessoas estabelecem relações de cuidado, umas com as outras, com a natureza e com o ambiente. Esse espaço cuida e educa para a sustentabilidade de forma deliberada e intencional, mantendo coerência entre discurso, os conteúdos, as práticas e as posturas. Além disso, assume a responsabilidade pelos impactos que gera e busca compensá-los com tecnologias apropriadas (BRASIL, 2012).

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES - O coletivo Flores da Fronteira, suas motivações e *modus operandi*

Após três meses de observação participante e uma série de entrevistas, foi possível contatar que a formação do Coletivo Flores da Fronteira, em Foz do Iguaçu/PR, se insere no contexto de reação ao mundo economicamente globalizado, valorizando a cultura local e a autonomia das “gentes” do território. Apesar disso, as integrantes do Flores da Fronteira não estão inteiramente conscientes da relevância do coletivo no âmbito deste contexto. Reconhecem o desejo de viver de outro modo, mais orgânico e mais acolhedor. Viver de modo a conquistar a necessária autonomia financeira da vida moderna, mas ao mesmo tempo e tanto quanto possível, fora da lógica mercadológica convencional. Constituem exemplo da possibilidade de ser e viver de outra forma, diferente do proposto pela desgastada indústria cultural dos tempos atuais.

Durante todos os encontros e também no momento da entrevista gravada foi possível perceber que a amizade entre as integrantes e o envolvimento com o coletivo é muito afetivo e sólido. A maioria delas são extrovertidas e esse fato facilitou todo o

processo. Adna Ramaier é a mais tímida, porém durante as entrevistas mostrou-se muito centrada e otimista quanto o futuro do coletivo.

O histórico da constituição deste Coletivo revela esta trajetória, ao mesmo tempo em que mostra a paulatina ampliação de compreensão quanto às possibilidades e abrangência deste tipo de posicionamento, conforme o grupo amadurece em sua prática.

3.1 Formação do Coletivo Flores da Fronteira

A iniciativa de criar um grupo de artesãs, que construísse em conjunto novas ideias e meios para valorizar o trabalho artesanal, surgiu através de uma necessidade em comum: independência financeira, empoderamento pessoal, valorização da capacidade de produção artística e autovalorização a partir desta produção. Nesta perspectiva, além de trabalhar a independência financeira, as integrantes desejavam ser mais participativas social e culturalmente.

Mayara Brecher, integrante do coletivo enfatiza: “ a gente sabe que tem uma imposição do sistema para que você seja isso ou aquilo, que você se encaixe em um padrão. Mas a gente sabe que no final das contas cada um tem uma essência, tem aquilo que gosta de fazer. Então, pra mim, isso é algo que eu consegui, expressar a minha verdadeira natureza (...), é resistir em relação ao trabalho manual, trazer de volta essa ideia da valorização do artesanato e manter isso vivo. Principalmente o foco não é ali só a feira, só a venda. A gente fazendo o que a gente gosta é uma consequência vender o nosso produto, ganhar dinheiro e tal, mas a ideia é passar pra frente aquilo que a gente aprende”.

Mayara Brecher, filha de artesão, já fazia artesanato com algumas amigas, em encontros de descontração e entretenimento, mas o desejo de poder viver com sua arte, de trabalhar com mais autonomia foi aumentando. Adna Rahmeier, outra integrante do Coletivo, através de experiências em algumas de suas viagens litorâneas, conhecendo outras culturas e formas de organização, visualizou a potencialidade de poder realizar o trabalho artesanal de forma coletiva e buscou trazer isso para a sua realidade. Assim, surgiu a oportunidade de reunir forças com o grupo de amigas que inclui Mayara Brecher e trabalhar de forma coletiva.

O grupo iniciou em setembro de 2015 com cerca de 15 pessoas e hoje (agosto de 2016) é composto por 5. Além de Mayara Brecher e Adna Rahmeier, também fazem parte Nathana Bueno, Luciana Lorengo e Alana Hauptt. Esta última, simultaneamente integrante do coletivo e co-autora desta pesquisa.

Embora a realização de todas ocorra por meio do artesanato, as integrantes possuem formação em outras áreas como fisioterapia, psicologia, assistência social, veterinária e biologia. De acordo com o relato das integrantes, todas procuraram cumprir com o desejo de suas famílias de possuir uma formação profissional, para assim sentirem-se livres para defender seus ideais por meio da arte.

Desde o início do grupo, havia pretensão de oferecer gratuitamente oficinas de artesanato, e isso é um diferencial do espaço. Sobretudo por possibilitar alternativas mais sustentáveis para o público da feira e servir como ponto de encontro para muitas pessoas que desejam conhecer e contribuir com boas práticas.

É perceptível que todas olham para o coletivo com muito carinho e respeito. Enfatizam que o coletivo transmite para cada uma delas as sensações de segurança por estarem juntas; de liberdade para serem quem de fato são; e de alegria, devido a harmonia que há quando estão juntas.

O projeto Flores da Fronteira iniciou seu trabalho no primeiro domingo de outubro de 2015, na Feira das Nações - feira de produtos artesanais, coloniais e gastronômicos, que ocorre todos os domingos na Avenida Juscelino Kubitschek, no centro de Foz do Iguaçu.

A construção deste grupo de mulheres ganhou formas e cores com o nome de Flores da Fronteira. A ideia inicial sobretudo considerando o nome do grupo era valorizar e conhecer a ocorrência de espécies de flores que existem na região da tríplice fronteira quanto à biodiversidade. Entretanto, ao longo da vida do grupo, este objetivo inicial se modificou e hoje o coletivo procura incentivar e valorizar a arte e a cultura da região.

Após alguns meses, as Flores da Fronteira foram ganhando força, passando a percorrer outros espaços da cidade, como bazares, praças, saraus e eventos com o foco na qualidade de vida. Embora o objetivo inicial das artesãs fosse a venda de seus produtos, o Flores da Fronteira está longe de ser um espaço meramente comercial. O coletivo tem ganhado cada vez mais visibilidade na fronteira e hoje é entendido como um projeto plural, um coletivo com identidade própria relacionado à gestão participativa, ao empoderamento feminino, aos objetivos comuns e à filosofia de vida das integrantes, enquanto alternativa para uma vida mais harmônica e conectada com a natureza.

Carvalho (2010), com o conceito de sujeito ecológico, destaca a relevância da escolha por uma ideologia de vida incorporada na ecologia, assumida pelos atores que

realizam as ações ambientais formal e informalmente. Aborda a influência da identidade dos sujeitos para a sua prática, tornando íntima esta relação. Deste modo, conjugam o desejo e o compromisso entre a sua vida e a sua causa.

Este conceito destaca quão complexa é esta escolha, pois nos reconecta à real natureza - incompreendida no modo de vida atual, perante às necessidades capitalistas. O que deveria ser simples, torna-se cada dia mais distante, em uma realidade paralela (Carvalho, 2010).

A vontade de escolher uma orientação ideológica baseada na ecologia se expande por meio do conhecimento, fortalecendo o pensamento crítico e aprimorando novos conceitos. O fato é encarar o estudo e aplicabilidade dele para a realidade, aproximando cada vez mais a prática do discurso.

3.2 Organização Coletiva do Projeto Flores da Fronteira

Organização coletiva, é um processo de co-criação por meio do qual os membros de uma coletividade aprendem juntos, ou seja, inventam e fixam juntos novas maneiras de jogar os jogos sociais da cooperação e do conflito [...] adquirem as capacidades de conhecimento, de relacionamento e de organização correspondentes. (CROZIER & FRIEDBERG, 1977 apud SABOURIN, 1999).

Atuar coletivamente envolve potência de ação, ou seja, capacidade de agir no mundo e de transformar a realidade em que vivemos na direção do que desejamos (Santos, 2012). De certa forma, a potência de ação pressupõe uma atitude inconformista, pois busca a construção de caminhos de transformação da realidade com base na consciência sobre o que desejamos, na percepção do outro como interlocutor para construção de tal transformação e no conhecimento das regras que regem os processos que se deseja modificar.

O Flores da Fronteira possui menos de um ano de existência, todavia, o crescimento do número de pessoas frequentando o espaço do coletivo é visualmente perceptível a cada dia, havendo potencial para tornar-se espaço educador sustentável. Para Borges (2011), todos os espaços que se dedicam à realização plena da educação, em todas as suas formas, podem ser chamados de espaços educadores. Ela afirma que a praça, que estimula o lazer, a troca, a convivência, a valorização e o respeito pelo coletivo, é um espaço educador. Os espaços educadores dispostos a atuar na construção de uma nova cultura de sustentabilidade podem valer-se dessas práticas e princípios e

empregá-los de maneira transversal, integral e interdisciplinar, aplicando-os também à gestão e à estrutura, tornando-se, assim, espaços educadores sustentáveis.

Embora as integrantes do coletivo não projetem o futuro a longo prazo, todas creem em um futuro promissor para o coletivo, onde cada vez mais pessoas possam se envolver com práticas sustentáveis, ramificando-as.

Para que este desejo seja alcançado, as Flores se encontram mensalmente ou conforme a necessidade das próprias artesãs e em decorrência de eventos que acontecem na cidade, além da própria Feira das Nações aos domingos, para se organizar e acordar estratégias de atuação das atividades do coletivo. Os encontros, sempre com clima informal, ocorrem de forma rotativa na casa das artesãs envolvidas.

Adna Rahmeier, artesã do Flores da Fronteira, diz: “o Flores, pra gente, é um meio de repassar a nossa ideologia, uma coisa assim mais comunitária, grupal, que vai contra esse sistema individualista que apoia o meio de produção em massa. A gente procura essa coisa do artesanal, sabe?”

A questão da ideologia é uma questão teórica crucial, mas que não possui solução no plano da teoria, devendo ser resolvida pela práxis. Konder (2002) afirma que, para Marx, práxis é a atividade pela qual o ser humano se autorrealiza, recusando os limites que lhe são impostos.

Garantir a manutenção de um coletivo na atualidade é uma tarefa desafiadora. Todavia, as componentes do coletivo procuram resistir e trabalhar com o que acreditam, mantendo o bom humor, a alegria, a amizade, a solidariedade e a boa comunicação, o que resulta em permanência do grupo. Segundo as artesãs, a existência do coletivo proporciona a todas as envolvidas uma sensação de segurança, independência, pertencimento e bem-estar. Boa parte destas sensações podem dever-se à forma como se organizam e se relacionam, que são:

a. Auto-organização grupal

O processo de partilha de opiniões, por meio da participação presencial das integrantes, inicia-se através de rodas de conversas realizadas nos encontros. Nestas conversas são construídas e revisadas as estratégias de atuação. Como diretrizes centrais o grupo estabeleceu:

“1º Conforme a escala, as artesãs terão a responsabilidade de buscar os materiais de uso coletivo onde estiverem e levá-los até a feira às 7h, montar a tenda, bem como cuidar do atendimento e caixa;

2º Cada artesã é responsável por seu material (colocar preço e manter em caixas apropriadas) e fica com a responsabilidade de levar suas artes para os responsáveis pela escala na próxima edição da feira;

3º A partir desse momento inicial de entrada, novos artesãos, contribuirão com uma taxa de R\$: 10,00 para manutenção do coletivo, serão aceitos caso façam alguma arte diferente das que já são criadas no grupo (a intenção é que cada uma dentro do grupo mantenha uma "linha de produtos" para direcionar as encomendas);

4º Após o pagamento da tenda e do alvará de ambulante, será mantida a mensalidade de 10 reais pra custear combustível, aluguel de espaços em bazares, etc.

5º Postagens: cada pessoa fica responsável por postar o que quiser na página do grupo no facebook uma vez por semana (mensagens que tenham a ver com a missão do coletivo ou divulgação de suas artes) e fica livre a postagem de suas artes novas para divulgação a qualquer momento;

6º Eventos e bazares fora da feira serão organizados por quem tiver disponibilidade conforme as datas surjam;

7º Os materiais de uso coletivo serão de responsabilidade da pessoa escalada para ir à feira, e ficarão em sua casa;

8º Será realizado um sorteio de produto por mês para os visitantes, onde alternadamente cada artesã irá doar algo (critérios de participação do sorteio: curtir a página, compartilhar a foto-divulgação e marcar 3 amigos).”

Este acordo de convivência traduz a concepção filosófica do grupo em sua prática administrativa: comunicação clara, cooperação, revezamento.

O Cronograma de Exposição dos artesanatos na feira é definido em reunião e fica a critério da disponibilidade de cada dupla de artesãs, encarregadas também de montar a tenda. São quatro domingos, divididos pelas cinco integrantes, totalizando um domingo do mês para cada dupla. Como na tabela 1.

<i>Cronograma de Exposição</i>	
29/05	Nathana Bueno e Adna Rahmeier
05/06	Alana Carla Hauptt e Mayara Brecher
12/06	Luciana Lourenço e Esposo
19/06	Mayara Brecher e Esposo
26/06	Nathana Bueno e Adna Rahmeier

1. Tabela de Cronograma de revezamento coletivo.

Fonte: Flores da Fronteira (2016).

b) Comunicação

Para o acesso e comunicação do grupo, as artesãs optaram por utilizar a internet, devido à viabilidade e por se tratar de um meio de fácil acesso para elas. Todas as informações e temas acordados nos encontros são postados em forma de Ata, no grupo fechado do Facebook (página social website em rede), sendo ali comunicadas as informações e trocadas ideias particulares do grupo. Também utilizam o correio eletrônico gmail (floresdafronteirafoz@gmail.com), porém esta ferramenta é mais utilizada para a realização das inscrições das oficinas e sorteios ofertados pelo Coletivo.

c) Divulgação

Para a divulgação dos artesanatos, eventos e oficinas foi criado um perfil no facebook (www.facebook.com/floresdafronteira) com o nome e logo criado pelas próprias artesãs. Na fanpage Flores da Fronteira (página específica dentro do facebook), são feitas todas as postagens referentes ao coletivo. Inclusive a apresentação de cada artesã que constitui o coletivo. As fotos dos artesanatos são organizadas por modalidades no próprio álbum de fotos da página. Cada qual possui uma informação base e de relevância para cada intencionalidade.

A postagem é feita de maneira bem espontânea e livre. A artesã tem o direito de abordar qualquer aspecto ou assunto de seu interesse, desde que seja também relevante para o grupo, conforme a filosofia do coletivo. As postagens são feitas todos os dias da semana, para divulgação dos trabalhos artesanais. Cada artesã se disponibiliza para realizar a postagem em seu dia de escolha.

Além da venda direta na feira, os artesanatos são vendidos via rede e também encomendados na própria página do facebook. Complementando essa estratégia, uma vez por mês se realizam sorteios de alguns produtos, escolhidos pela artesã que quiser disponibilizar o seu trabalho, tal como na tabela 2.

<i>Sorteios</i>		
Mês	Artesanato	Artesã
Março	Kit Carteira	Luciana Lourenço
Mai	Colar e Pulseira	Alana Carla Hauptt
Junho	Saia	Mayara Brecher
Julho	Toca	Nathana Bueno

3. Tabela de revezamento para os sorteios.

Fonte: Flores da Fronteira, 2016.

A agenda cultural é elaborada conforme os temas principais, que foram escolhidos a partir da identidade e intencionalidade do projeto. Desta forma, as oficinas, rodas de conversa, saraus e demais ações são ofertadas aos domingos, colaborativamente. É aberta a participação do público que tiver interesse em contribuir e agregar para a troca de saberes. Os temas são divididos por domingos. Conforme o tema, é realizada a intervenção. Coerentemente com as outras atividades, a organização para as intervenções também é realizada conforme a disponibilidade de cada artesã.

A divulgação dos eventos é feita pela rede, na página do grupo no facebook. É também elaborado *flyer* virtual e um evento no facebook. O aumento da quantidade de participantes e comentários sobre as práticas e número de vendas no facebook tem sido os resultados obtidos com esta estratégia.

<i>Agenda Cultural</i>			
Temas	Práticas	Intenção	Organização
(1º domingo) Artesanato Artes Visuais	Saraus e intervenções poéticas, artísticas	Valorizar o artista local e o reconhecimento cultural	Todas as artesãs que se disponibilizaram a ajudar
(2º domingo) Meio Ambiente e Sustentabilidade	Práticas Ambientais e Socioambientais	Fomentar a práticas sustentáveis visando a melhor qualidade de vida	Todas as artesãs que se disponibilizarem a ajudar
(3º domingo) Música e Dança	Apresentação de Danças e Músicas	Empoderamento	Todas as artesãs que se disponibilizarem a ajudar
(4º Domingo) Autoconhecimento e empoderamento	Aula de Yoga e Meditação	Auto-reflexão Autoconhecimento	Todas as artesãs que se disponibilizarem a ajudar

4. Tabela demonstrativa da agenda cultural.

Fonte: Flores da Fronteira, 2016.

d) Contratos

Por um lado, o grupo tem um contrato formal de trabalho, o qual tem funcionado bem até o momento.

As integrantes do Flores relatam manter uma relação respeitosa, de confiança, bem estar e afinidade, o que lhes têm proporcionado liberdade e autonomia para construir uma organização independente e participativa. Mencionam o diálogo, a comunicação sincera, e a compreensão, como fatores importantes na relação do coletivo, facilitando a resolução de problemas e das dificuldades encontradas no desenvolvimento do trabalho. Entendem ser princípio norteador da organização deste coletivo buscar compreender e respeitar o tempo e a necessidade de cada envolvida, havendo diálogos em forma de encontros e reuniões não formais, com periodicidade aleatória, sempre que sentida a necessidade.

Assim diz a artesã Nathana Bueno: “por meio da cooperação vamos nos ajudando, cada uma oferece o que pode no tempo em que sente estar disponível, nos organizamos em dupla, assim facilita o trabalho, vamos fazendo e vivendo no presente”.

Priorizam, portanto, o agora. O planejamento ocorre pouco a pouco.

e) Afinidades

Existem várias afinidades compartilhadas pelas integrantes do Coletivo Flores da Fronteira. Uma delas é o gosto pela arte e a crença na potencialidade da força feminina. Além dos encontros pontuais realizados para tratar de assuntos do projeto, as artesãs participam de eventos em comum, como: encontros gastronômicos, apresentações teatrais e outros eventos relacionados à arte e cultura que acontecem na tríplice fronteira.

A participação em outros grupos e coletivos com perfis artísticos também faz parte da realidade vivencial de 4 das integrantes, contribuindo e trocando vivências nos grupos de música Afrobrasileira Maracatu, O Coco da Macaíba e Baque-Mulher. Tal envolvimento em comum possibilita uma relação de cumplicidade entre as artesãs.

Luciana Lorenço, uma das integrantes do coletivo, expressa claramente sobre a importância desta ligação com o coletivo, através das afinidades existentes, quando diz: “A minha vontade em fazer parte do Flores, surgiu através deste vínculo de amizade pelo Maracatu, por essa ligação da música e da arte, a convivência que já temos em comum”.

Durante as entrevistas, as integrantes disseram acreditar que a partir do contato com a arte as pessoas se tornam mais sensíveis e reflexivas. Nesse sentido, pretendem potencializar o trabalho através da qualificação das integrantes do coletivo e buscar atingir um número maior de pessoas, levando o trabalho para bairros, escolas, associações e feiras da região da tríplice fronteira, sobretudo para incentivar que um número cada vez maior de pessoas perceba e valorize formas alternativas de sustento, assim empoderando-se. Este é um dos principais desejos do grupo.

Adna Rahmeier deixa essa ideia bem clara quando fala sobre sua expectativa. Ela diz: “a minha expectativa é alcançar as pessoas que não conseguem ir na feira de manhã. É levar para as comunidades a questão das oficinas, e passar o conhecimento em lugares que não são acessíveis sabe? As pessoas se escondem nesses lugares, aí as vezes é até difícil de chegar aqui na nossa cidade. Assim, eu gostaria muito de fazer do Flores uma coisa totalmente pública. Pra qualquer idade, sem classe social, sem gênero, uma coisa assim...um projeto que realmente alcance a comunidade. Porque essa nossa ideia não faz crescer só uma pessoa, ela faz crescer todo mundo junto.”

Estas vivências facilitam a troca de saberes e organização do coletivo, propiciando, também, a motivação de se criar outros meios de trabalho na perspectiva da organização coletiva.

Através destas atividades em comum foi se criando uma linha de pensamento e atitudes compartilhadas por uma rede de pessoas com necessidades e vontades semelhantes. Uma delas é a emancipação econômica, é criar com liberdade e exercer seu trabalho de forma justa e sustentável.

Partindo desta perspectiva, novas necessidades foram se estabelecendo, não particularmente do Coletivo Flores da Fronteira, mas de colaboradores e parceiros que trabalham de forma individual. Um novo olhar para o trabalho coletivo vem se firmando, na Tríplice Fronteira, sendo criado um novo coletivo em Foz do Iguaçu, o coletivo Florescência. Este coletivo é constituído por pequenos artesãos e microempreendedores que vivem na região, porém de nacionalidades distintas. Assim como o Coletivo Flores da Fronteira, buscam como alternativa de renda o trabalho autônomo, partindo da sua liberdade de criar e atuar, com reconhecimento por sua arte, utilizando como estratégia de atuação a organização coletiva. De forma conjunta o Florescência, assim chamado o coletivo, nasceu e hoje com quase 4 meses de existência, já realiza a 2º edição do Bazar de artesanatos, comidas veganas e vegetarianas, oferecendo ao público da Fronteira, uma nova opção de consumo e entretenimento.

3.3 Possível Contribuição para um Modelo de Sociedade Sustentável

Partindo do pressuposto de que uma sociedade sustentável só poderá ser construída por sujeitos ecológicos de maneira horizontal e democrática, ocorrendo as discussões quanto às necessidades sociais, ambientais, econômicas, políticas e éticas de maneira interligada e partindo da realidade local como referência, compreende-se que o coletivo Flores da Fronteira já vem contribuindo para essa construção de sociedade mais justa.

O coletivo hoje vem tomando consciência de sua relevância na tríplice fronteira, como exemplo de boas práticas e demonstração de inconformismo junto às problemáticas decorrentes do modelo de sociedade no qual vivemos. Todavia, é possível potencializar ainda mais tal contribuição, de forma tal que as ações e o número de pessoas envolvidas pelo coletivo seja ampliado. A entrevista realizada com as integrantes do coletivo indica estar esse desejo presente em todas.

Trata-se então de amadurecer e direcionar a intencionalidade do coletivo de forma que seja constituída maior representatividade e envolvimento político social para a construção de uma perspectiva de sociedade sustentável.

O desafio de transformar uma realidade historicamente construída é denso. Perante esse desafio, a EA assume cada vez mais uma função transformadora decisiva. Cabe ressaltar que a EA deve promover uma atitude crítica, estimulando a compreensão da complexidade da problemática ambiental, incentivar a interdisciplinaridade e a participação dos sujeitos. O avanço para uma sociedade sustentável consiste significativamente em despertar nos envolvidos o sentimento de pertencimento a essa sociedade, de maneira que as decisões sejam tomadas coletivamente e que todos sintam-se representados. Como afirma Jacobi (2003), educação ambiental deve ser acima de tudo um ato político voltado para a transformação social.

A implementação de espaços públicos de expressão popular, de debates político-sociais e de práticas sustentáveis deve ganhar cada vez mais intensidade no sentido de ação contra-hegemônica. Contudo, é necessária a consciência da dimensão desta atitude, de maneira que a rede entre os coletivos populares que possuem essa perspectiva seja ampliada e a força intensificada.

Dentro deste contexto, pensando na longevidade e nas potencialidades do coletivo Flores da Fronteira e no desejo das integrantes do coletivo em aperfeiçoar o trabalho, propõe-se a ampliação em rede como estratégia organizatória dentro da Feira das Nações, de maneira que agregue outros artesãos para que essa prática de trabalho se torne intencionalmente sustentável.

O espaço das Flores é educador, mas para tornar-se um espaço educador sustentável de fato é preciso aperfeiçoar a intencionalidade. Como dito anteriormente, para Silva (2014), espaço educador sustentável é espaço onde as pessoas estabelecem relações de cuidado, uns com os outros, com a natureza e com o ambiente. Esse espaço cuida e educa para a sustentabilidade de forma deliberada e intencional, mantendo coerência entre discurso, os conteúdos, as práticas e as posturas. Além disso, assume a responsabilidade pelos impactos que gera e busca compensá-los com tecnologias apropriadas.

Avaliando as características do grupo enquanto coletivo é possível percebê-lo dentro das dimensões da Economia Solidária, pois trata-se de uma maneira de realizar atividade de produção, oferta de serviços, comercialização, finanças ou consumo, baseado na democracia e na cooperação. Culturalmente, é uma forma de se

compreender no mundo valorizando os produtos locais. Já politicamente, é um movimento social que luta pela mudança da sociedade. Para Tygel (2014) estar na Economia Solidária significa gerir o próprio trabalho alicerçando os setores populares.

No entanto, é necessário refletir quanto as contradições e as limitações da contra-hegemonia dentro do sistema capitalista. Pois como um o coletivo pode ser contra-hegemônico quando se utiliza do capital para seu sustento? Como ser contra-hegemônico quando a matéria-prima utilizada para criação dos artesanatos são adquiridas em lojas inseridas no sistema capitalista? Se analisadas todas as nuances que decorrem de um sistema capitalista que são efetuadas no coletivo serão encontradas contradições que tornam o coletivo participativo deste sistema, porém, não se deve olhar para o *Coletivo Flores da Fronteira* como um fim, mas como um meio, um processo rumo a uma forma mais sustentável de viver. Assim como pode-se pautar atributos hegemônicos no coletivo também há uma quantidade significativa de qualidades contra-hegemônicas que o *Coletivo Flores da Fronteira* possui; cursos e oficinas gratuitas de PANC (plantas alimentícias não convencionais), permacultura, yoga, artesanato, expansão e participação em outros coletivos a partir do *Coletivo Flores da Fronteira*, a forma de organização do coletivo, entre outras representatividades a cerca da transformação social a partir de atos contra-hegemônicos. Cabe observar que sempre haverá empecilhos e obstáculos, entretanto sempre há meios alternativos para questionar a hegemonia e ao patriarquismo, o Coletivo Flores da Fronteira, com indubitabilidade é um destes meios.

4. CONCLUSÃO

A partir deste estudo, foi possível compreender quais motivações levaram à formação do Coletivo Flores da Fronteira, bem como quais as estratégias de organização e de trabalho que o coletivo utiliza. E ainda, entender características base para a formação de um coletivo mediante a intencionalidade e funcionalidade das práticas.

As relações, partindo da proposta coletiva, contribuíram para a autoformação e auto-organização das integrantes. A influência de um bom relacionamento, com características afetivas, afinidades, objetivos similares, sentimento de bem estar, para o reconhecimento do ambiente em que estão inseridas, coloca-se como principal aspecto

motivacional empregado pelo coletivo. Contribuindo, assim, na sua formação e fortalecimento da *práxis*. O reconhecimento enquanto coletivo facilitou o processo de emancipação das artesãs, empoderando-as diante de aspectos sociais e culturais.

Foi perceptível por meio das entrevistas que as integrantes do coletivo já desenvolveram algo de sujeito ecológico em si mesmas, demonstrando potencialidade como educadoras ambientais para a transformação do espaço do grupo em um espaço com intencionalidade educadora e sustentável. Entretanto, é preciso ainda amadurecimento. Nesse sentido, propõe-se ao grupo incluir em suas reuniões periódicas, espaço para dialogar sobre a sua qualificação na perspectiva de coletivo intencionalmente contra-hegemônico, voltado à perspectiva de construir sociedades sustentáveis. Complementarmente, o coletivo poderia incluir em sua programação cultural atividades formativas, as quais contribuiriam simultaneamente com o público visitante e com o próprio Flores da Fronteira.

Por outro lado, é fundamental valorizar e disseminar iniciativas para a formação de coletivos contra-hegemônicos atuantes, enquanto contribuição para o processo de superação de sociedades de risco rumo a sociedades sustentáveis.

Durante a trajetória desta pesquisa e principalmente pelas conversas com as integrantes do coletivo foi possível perceber ser a atitude sustentável mais simples do que aparenta. Para frequentar espaços públicos, proporcionar debates, rodas de conversa, levar para a comunidade alternativas mais saudáveis e sustentáveis, valorizar a cultura e a arte local não é preciso todo um aparato burocrático. Quando essas atitudes são compartilhadas tudo se torna ainda mais agradável e possível. Tais atitudes precisam ser ampliadas, divulgadas, compartilhadas, pesquisadas, para que a construção de uma sociedade mais sustentável, feliz e justa se torne cada vez mais forte.

5. BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

BATISTA, M. **A Observação Participante Enquanto Técnica de Investigação.** Pensar Enfermagem Vol. 13 N.o 2 2o Semestre de 2009. Disponível em: <http://pensarenfermagem.esel.pt/files/2009_13_2_30-36.pdf> Acesso em 13 de junho de 2016.

BORDENAVE, Juan E. Diaz. **O que é participação.** São Paulo: Editora Brasiliense 1983.

BRASIL. Decreto nº 7.083, de 27 de janeiro de 2010. Dispõe sobre o Programa Mais Educação. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/decreto/d7083.htm. Acesso em 12 de junho de 2016. In: SILVA, Lilian Ferreira Gomes da. **Implantação de espaços educadores sustentáveis: estudo de caso em escola pública do município de Poços de Caldas - MG**, Unifal, 2014, p.28.

BORGES, C. **Salto para o futuro: Espaços Educadores Sustentáveis.** Boletim 07 de junho 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. **Formando Com-vida, Comissão de Meio Ambiente e Qualidade de Vida na Escola: construindo Agenda 21 na escola /** Ministério da Educação, Ministério do Meio Ambiente. - 3. ed., rev. e ampl. – Brasília : MEC, Coordenação-Geral de Educação Ambiental, 2012.

CARVALHO, M, C, I. **Sujeito Ecológico: a dimensão subjetiva da ecologia.** São Paulo. Editora Cortez, 5º. Ed. 2010.

CHIAVENATO, Idalberto. **Gestão de Pessoas.** Rio de Janeiro: Ed. Campus, 2004.

CUNHA,C,A,J. RIBEIRO,S,M,E. **A Etnografia como Estratégia de Pesquisa Interdisciplinar para os Estudos Organizacionais.** Rev, Eletrônica ISSN 1677 4280.Vol. 9.N02.2010.

DEBONI, Fábio. **Coletivos Jovens de Meio Ambiente Manual Orientador.** Brasília : Ministério do Meio Ambiente, 2005.

ENCONTROS E CAMINHOS. **Formação de Educadores Ambientais e Coletivos Educadores.** Vol. 3, 2014.

ESCÓSSIA, L. KASTRUP, V. **O Conceito de Coletivo Como Superação da Dicotomia Indivíduo-Sociedade.** Maringá, v. 10, n. 2, p. 295-304, mai./ago. 2005.

FERRARO JUNIOR, L. Antonio. (Org.). **Encontro e Caminhos: Formação de Educadoras(es) Ambientais e Coletivos Educadores – Volume 3**. Brasília: Editora MMA/DEA, 2013.

GONDIM,G,M,S. FISCHER,T. **O discurso, a Análise de Discurso e a Metodologia do Discurso do Sujeito Coletivo na Gestão Intercultural**. Rev, do Centro Interdisciplinar de Desenvolvimento e Gestão Social - Vol. 2, No 1, 2009.

GOTTLIEB, Leila Sharon Nasajon. **A relevância do contrato psicológico para as relações de trabalho contemporâneas**. ERA - Ética e Realidade Atual.

HORKHEIMER, Max & ADORNO, Theodor. **A indústria cultural: o iluminismo como mistificação de massas**. Pp. 169 a 214. In: LIMA, Luiz Costa. **Teoria da cultura de massa**. São Paulo: Paz e Terra, 2002. 364p.

JACOBI, P. **Educação Ambiental: o desafio da construção de um pensamento crítico, complexo e reflexivo**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 233-250, maio/ago. 2005.

KONDER, Leandro. **A questão da ideologia**. São Paulo: Editora Companhia das letras, 2002.

MACIELO,F,K. **O Pensamento de Paulo Freire na Trajetória da Educação**.

MARX, K. **O capital: crítica da economia política**. Livro Primeiro. Tomo I. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

MENDONÇA, Rita. **Conservar e Criar: natureza, cultura e complexidade**. São Paulo: Editora Senac, 2005.

MILTON, SANTOS. **A natureza do espaço: técnica e tempo: razão e emoção**. 2º ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

MORENO, J. L. **Quem sobreviverá? Fundamentos da sociometria, da psicoterapia de grupo e do sociodrama**. Trad. Moisés Aguiar. São Paulo: Daimon: Centro de Estudos do Relacionamento, 2008.

NUNES, Marcelo (Equipe Responsável). **Programa Município Educadores Sustentáveis / Ministério do Meio Ambiente. Programa Nacional de Educação Ambiental**. Brasília : Ministério do Meio Ambiente, 2005. 2a. Edição.

Popular. Viçosa, v. 2, n. 2, p. 326-344, jul./dez. 2011.

PRADA, A,E,L. **Pesquisa Coletiva na Formação de Professores**. Rev, de Educação Pública. p. 99-118. Maio, 2006.

SABOURIN, E. **Ação coletiva e organização dos agricultores no Nordeste semi-árido.** Foz de Iguaçu-PR, agosto 1999.

SABOURIN, E. **Ação coletiva e organização dos agricultores no Nordeste semi-árido.** Foz de Iguaçu-PR, agosto 1999.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal.** Rio de Janeiro: Editora Record, 2012.

SANTOS, Tamires D. **Theodor Adorno: uma crítica à indústria cultural.** Revista Trágica: estudos de filosofia da imanência 2º quadrimestre de 2014 – Vol. 7.

SCHERER, A, D.M. PIRES, D, SCHWARTZ, Y. **Trabalho coletivo: um desafio para a gestão em saúde.** Rev, Saúde Pública 2009;43(4):721-25.

SCHWARTZ, Y. **Reconnaissances du travail: pour une approche ergologique.** Paris: PUF; 1998.

SHIVA, Vandana. **Monoculturas da mente.** São Paulo. Editora Global, 2000.

SIMIANATTO, I. **Classes Subalternas lutas de classes e hegemonia: uma abordagem gramsciana.** Rev. Katál. Florianópolis V. 12 n°. 1p. 41-49 jan- jun. 2009.

TRISTÃO, E. **O trabalho coletivo no modo de produção especificamente capitalista.** artigo extraído da dissertação de mestrado, intitulada: “**O serviço social em debate: trabalho ou ideologia?**”. Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da UFRJ em 2011.

TYGEL, Daniel (org). **Encontros e Caminhos: Economia Solidária - Volume 3.** Brasília: Editora MMA/DEA, 2013.